



# STAES19'

## Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde

### A IMPORTÂNCIA DOS LETRAMENTOS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Andréa Beatriz Hack de Góes  
Universidade Federal da Bahia

#### Resumo

O presente artigo se propõe a apresentar o conceito de letramentos digitais na perspectiva do ensino de língua, considerando a profunda inserção tecnológica que marca a sociedade atual e as respectivas demandas que ela, então, lança sobre a escola enquanto agência responsável pelo letramento e formação cidadã e profissional dos estudantes. Considerando as habilidades inerentes aos letramentos digitais como indispensáveis aos processos de formação na atualidade, o texto busca analisar, sob a luz das mudanças nas competências de leitura e escrita em diferentes suportes e contextos marcados pela multimodalidade de linguagens característica da multimídia vigente, diferentes enfoques dos letramentos digitais em linguagem, a saber: o papel e importância do suporte impresso na atualidade; a polêmica do subcódigo designado com o neologismo “internetês” e suas implicações no ensino de língua; as prerrogativas e possibilidades do hipertexto como interface de interação e expansão do conhecimento e, por fim, a sedução e multiplicidade de linguagens presentes nos recursos multimídia, elemento integralmente circunscrito ao contexto da internet. Todos esses elementos são postos enquanto essenciais à formação oferecida atualmente pela escola, e por isso representam um grande desafio pedagógico para os educadores, não apenas da área de língua, e estrutural para as instituições, que precisam se adequar para atender a essas demandas.

**Palavras-chave:** letramentos digitais, hipertexto, multimodalidade de linguagens, protagonismo discente.

**Contatos:**  
abhack@gmail.com

#### 1. Introdução

Vivemos em uma sociedade cada vez mais conectada e dependente da tecnologia, em todas as esferas da existência, o que abrange desde as relações interpessoais até o mercado de trabalho e desenvolvimento industrial e tecnológico.

Tamánhas mudanças impõem a necessidade de se desenvolver novas competências e habilidades requeridas no contexto do século XXI, tais como criatividade, senso crítico, capacidade para resolver problemas, colaboração e trabalho em equipe, autonomia e flexibilidade, bem como a disposição de estar continuamente aprendendo. [DUDENEY et. al. 2016, p. 17].

Nesse sentido, observa-se que as práticas de leitura e escrita também sofreram profundas alterações, visto que atualmente elas são cada vez mais mediadas pelas tecnologias. Os textos produzidos e disseminados em suportes digitais, na perspectiva do hipertexto, oferecem uma diversidade de linguagens e recursos semióticos simultâneos disponíveis na superfície da tela, ao alcance do toque dos dedos.

Por isso, segundo Roxane Rojo [ROJO 2013], a escola, enquanto principal agência de formação sistemática no seio da sociedade, não pode mais se furtar de abordar a hipertextualidade e trabalhar as relações entre as diversas linguagens presentes nos textos da hipermídia. Para a autora, na era das chamadas “linguagens líquidas”, competências variadas são requeridas, e é preciso “enxergar o aluno em sala de aula como o nativo digital que é: um construtor-colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas” [ROJO 2013, p. 8].

Na prática, isso significa desenvolver habilidades, como letramentos culturais e colaborativos, crítica e também os letramentos digitais, foco do presente artigo.

De acordo com Dudeney et. al., os letramentos digitais consistem em “habilidades individuais e



# STAES19'

## Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde

sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital.” [DUDENEY, et al, 2016, p. 17]. Os autores defendem que tais habilidades são necessárias para o uso eficiente das tecnologias hoje disponíveis e em constante evolução e transformação, pois possibilitam localizar recursos, comunicar ideias, numa rede colaborativa que suplanta limites sociais, econômicos e até mesmo pessoais.

Nesse sentido, é importante frisar a intrínseca relação entre língua e letramento, visto que a primeira continua sendo a base do segundo, marcado atualmente pela necessidade de se criar novas formas de criar e compartilhar sentidos numa relação interativa que mescla os papéis de autor e leitor, antes delineados e definidos na cultura do impresso. Diante do hibridismo linguístico e cultural vigente, que ressignifica referências e elementos culturais revisitados em gêneros multissemióticos, fica claro que o letramento digital é muito mais poderoso e empoderador que o analógico, não obstante o fato de ser proveniente deste e se alimentar de todo o acervo de conhecimento e cultura que comporta. Para Dudeney et al, o ensino de língua só continuará sendo relevante se for capaz de incorporar múltiplos letramentos, além do impresso tradicional. Eles vão ainda mais longe ao afirmar que “ensinar língua exclusivamente através do letramento impresso é, nos dias atuais, fraudar nossos estudantes no seu presente e em suas necessidades futuras.” [DUDENEY et. al., 2016, p. 19].

O espaço para uma maior colaboração e troca entre atores nos processos de ensino e aprendizagem, não apenas de língua mas em todas as áreas do conhecimento e nos diferentes níveis de escolaridade, proporcionam uma instigante descentralização do saber e da produção de conhecimentos, que passa a não ser prerrogativa exclusiva do professor, mas uma ação concretamente compartilhada com os estudantes, o que pressupõe e exige uma nova dinâmica de sala de aula, não mais centrada na figura do professor. O grande ganho dessa verdadeira quebra de hierarquia é o consequente investimento na autonomia e protagonismo do aluno, que precisa mais do que nunca ser preparado para a vida social, o exercício crítico e consciente de uma cidadania cada vez mais global e compartilhada e para um mercado de trabalho variado e complexo, parâmetros de um mundo digitalmente conectado. Isso porque, no contexto emergente e difuso da internet, usuários não são apenas consumidores passivos de conteúdos em constante renovação, mas

“colaboradores ativos de uma cultura partilhada.” [DUDENEY et. Al, 2016, p. 18].

Adiante, teremos uma apresentação mais detalhada dos letramentos digitais, com base na obra “Letramentos Digitais”, de Gavin Dudeney, Nicky Hockly e Mark Pegrum, 2016, traduzida por Marcos Marcionilo, com foco na linguagem.

### 2. Letramentos Digitais e linguagem: simples troca do papel pela tela?

É bastante comum nas escolas o uso de gêneros multiletrados em suportes impressos nos processos de ensino e aprendizagem de linguagem, como jornal, revistas, charges, tiras, HQs, peças publicitárias, etc. Mas e quanto aos gêneros digitais, que circulam e são produzidos, geralmente a muitas mãos (e mentes!) em ambientes digitais? Quais os impactos e possibilidades que essas novas formas de se produzir e compartilhar conhecimentos e cultura, pautados nas TICs, têm na escola?

Segundo Henry Jenkins, “Antes de os estudantes poderem se engajar na nova cultura participativa, eles têm de ser capazes de ler e de escrever.” [JENKINS, et. al., 2009, p. 29]. Ou seja, as novas mudanças nas formas de leitura e de escrita, que marcam indelevelmente a própria produção e difusão de conhecimentos e cultura, conforme já dito, não prescindem das habilidades de leitura e escrita tidas como “convencionais”. Isso porque boa parte da comunicação digital, não obstante a multimodalidade de linguagens disponibilizadas pelos dispositivos tecnológicos, se baseia na escrita.

No entanto, uma das grandes vantagens dessas práticas de escrita nos espaços e suportes digitais está no fato de que as possibilidades de interação e troca são sobremaneira expandidas e mesmo verticalizadas. Assim, a perspectiva de ter seus registros e produções lidos por seus pares e por um público mais amplo (não apenas o professor enquanto avaliador, em uma situação ordinária avaliativa escolar), faz com que os alunos se sintam mais motivados a escrever. Além disso, conforme bem observam Dudeney et. al., o espaço *on line* também costuma ser marcado por uma competição acirrada por atenção, devido à farta e inesgotável oferta de conteúdos, o que impõe a necessidade de uma cuidadosa atenção à escrita, elaboração e articulação linguística do que vai ser publicado ou postado.



# STAES19'

## Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde

Ainda em consonância com o que defendem os autores, aqui não se advoga, em absoluto, a eliminação de práticas de leitura e escrita pautadas no suporte impresso, numa simples e perigosamente precipitada troca do papel pela tela. Habilidades motoras finas desenvolvidas através da escrita manual, bem como a leitura marcadamente linear de textos impressos, isentos da formatação dinâmica e dos recursos multimodais do hipertexto ainda têm grande relevância cognitiva, e não podem ser simplesmente eliminadas pelos suportes tecnológicos, geralmente pouco afeitos a questões de natureza gramatical e ortográfica, das quais a escola não pode deixar de se ocupar. Isso porque tais habilidades continuam sendo requeridas em diversos espaços, especialmente os marcados pelo uso formal da língua.

### 3. Letramentos digitais e o uso do “internetês”: problema ou ganho para a língua?

Muitos professores de língua portuguesa são assombrados pelo fantasma do chamado “internetês”, acreditando que essa modalidade de uso da língua, que se configura como uma espécie de “código dentro do código” vai fazer os alunos em processo de aprendizagem do sistema formal da língua “desaprenderem o português”, ou “aprenderem errado”. Contudo, é importante esclarecer e mesmo salientar que, na perspectiva da diversidade linguística, tanto escrita quanto oral, o internetês consiste tão-somente em mais uma variedade linguística, pertinente à modalidade escrita e que surgiu da necessidade de uma comunicação escrita mais rápida e ágil.

Utilizado inicialmente em salas de bate-papo on line e em mensagem de texto (SMS), teve seu uso consolidado em plataformas como o whatsapp e o twitter. O internetês tem como característica marcante a supressão de elementos gráficos ou caracteres (o que atinge principalmente a acentuação e pontuação gráfica, além da supressão de letras, especialmente as vogais), cujo objetivo é emprestar o dinamismo e ritmo típico da oralidade à comunicação escrita, o que o situa “em algum lugar entre a fala e a escrita. [DUDENEY et. al., 20116, p. 24].

Além disso, linguistas evidenciam que o internetês não atinge a estrutura da língua em seus aspectos nucleares, como morfologia, fonologia e sintaxe. Contudo, é importante frisar que seu uso tem contextos bastante específicos e definidos, e o que pode acarretar problemas é quando este ocorre em situações de uso da

escrita fora das redes, como em trabalhos escolares, por exemplo. Ainda assim, pesquisas sobre os efeitos do internetês no desenvolvimento linguístico dos mais jovens revelam, surpreendentemente, que estes são positivos, pois até “para torcer as regras linguísticas você tem, para começar, de conhecê-las.” [2016, p. 24.

Segundo Crystal [CRYSTAL 2008], os jovens sabem da distinção entre o internetês e a língua padrão, que precisa, sim, continuar a ser ensinada nas escolas. Ainda assim, o risco está justamente na possibilidade de uso do internetês, de maneira intencional ou não, em contextos impróprios, como ocorre eventualmente com as gírias, impróprias em situações de uso mais formal e monitorado da língua, especialmente na modalidade escrita.

Portanto, o internetês, (que é amplamente utilizado também por adultos, não apenas pelos mais jovens) se coloca como mais um efeito dessa tendência digital contemporânea marcada pela efemeridade, fragmentação e rapidez da escrita. Isso se reflete também numa postura crescente de impaciência e perda de significado do estudo e observação das regras linguísticas, o que na prática se coloca como um desafio para os professores de língua.

De acordo com Hilgert [HILGERT 2000], as interações comunicativas no ambiente virtual em geral, independente da plataforma ou dispositivo utilizado, são marcadas pela reorientação, que implica na agregação de um caráter de “falado” ao conteúdo escrito. Tal característica inside num ritmo de interlocução (predominantemente escrita) bastante rápido, a semelhança das conversas orais, pois proliferam enunciados breves, curtos, num estilo de linguagem informal, muitas vezes deliberadamente despojado, mesmo entre pessoas que não se conhecem de fato, mas se sentem próximas no ambiente comum e ultra democrático da rede.

A tentativa de, no registro escrito, “imitar” ou reproduzir a dinâmica intensa e ágil da fala resulta então no internetês, o qual contribui ainda para reforçar, no espaço da rede, uma sensação de proximidade entre internautas, desconhecidos ou não, pois o aparente despojamento de formalidade marcado nesse tipo de código gera uma familiaridade artificial, o que se consolida também pelo uso intenso de elementos visuais, os famosos e simpáticos “emojis”, que agregam uma multimodalidade linguística disponível e potencializada sobremaneira pelos recursos tecnológicos. Essa multiplicidade de



# STAES19'

## Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde

linguagens, além de chamar a atenção e seduzir seus usuários por seu caráter subjetivo, descontraído e afetivo, visto que explora o humor e a sensibilidade, também costuma promover uma melhor aceitação e adesão aos conteúdos e ideologias veiculados nesses espaços.

Portanto, cabe frisar que trazer a tecnologia para a sala de aula implica em muito mais do que simplesmente “trocar o quadro e o papel pela tela”, como tem ocorrido em vários estabelecimentos de ensino, à guisa de se atentar apenas para um modismo superficial, de caráter muitas vezes mais comercial e político do que propriamente pedagógico. Para Magda Soares,

A tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e, até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. (...) A hipótese é de que essas mudanças tenham conseqüências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um letramento digital, isto é, um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. [SOARES, 2002, P. 146].

Isso significa dizer que utilizar a tecnologia e suas infinitas possibilidades como ferramenta de ensino e aprendizagem requer, antes de mais nada, problematizar teoricamente objetos como o hipertexto, do qual falaremos adiante, e os gêneros digitais, considerando conscientemente suas potencialidades e sua inserção social generalizada, numa perspectiva crítica. E isso, por sua vez, impõe uma intervenção didática consistente e teoricamente embasada, por parte de profissionais bem formados e bem preparados.

#### 4. Hipertexto e multimodalidade: leitura ou navegação?

Apesar de não ser exclusivo nem ter “nascido” com a internet, o hipertexto, em sua formatação atual, é conhecido como um texto ao qual se agregam outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, palavras, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas denominadas hiperlinks, ou simplesmente links. Esses links ocorrem na forma de termos destacados no corpo do texto principal, ícones

gráficos ou imagens e têm a função de interconectar os diversos conjuntos de informação, oferecendo acesso sob demanda às informações que estendem ou complementam o texto principal.

Nessa configuração, os links se colocam como convites a uma “mudança de rumo” no acesso e leitura do conteúdo principal, oferecendo outras possibilidades, o que estabelece como uma das características do hipertexto sua não-linearidade. Ou seja, o leitor tem a possibilidade de exercer sua autonomia ao estabelecer um percurso próprio de leitura e acesso aos conteúdos disponibilizados nos links, que por sua vez podem estar configurados em uma multimodalidade de linguagens suportadas pela plataforma.

Daí que vem o termo “navegação”, já que, diferente de uma certa imposição estática própria da formatação impressa, o hipertexto permite que o leitor faça suas próprias escolhas, as quais sempre podem ser diferentes. Segundo Maria Helena Bonilla [BONILLA 2012], o hipertexto consiste em uma forma de organizar informações, composto a partir da retomada e transformação de elementos de outras mídias – índice, referências cruzadas, sumário, legendas, incluindo a dimensão audiovisual – palavras, imagens, gráficos, sons, movimento, elementos esses que lhe conferem um aspecto dinâmico e de multimídia.

Contudo, há também armadilhas pelo caminho. Um excesso de links, ao contrário da consistência teórica e diversidade enriquecedora de informações que pareçam prometer, podem simplesmente remeter o “navegador” incauto a fontes similares, que pouco ou nada acrescentam à questão principal. Relacionado a isso, outro efeito que pode resultar negativo da profusão de links, a despeito de sua relevância cognitiva, é a dispersão da leitura, perda do foco e conseqüente redução da compreensão e assimilação de conhecimentos.

Portanto, ainda que muitos estudantes mais jovens pareçam dominar com familiaridade e segurança os recursos tecnológicos, talvez até sobrepujando o desempenho dos adultos professores, quando se trata de ações mais específicas e monitoradas, com objetivos educacionais ou mesmo profissionais (não apenas entretenimento e interação social), eles necessitam de orientação e apoio. Aí está a crucial importância do papel do professor nesse novo contexto, não mais como detentor e fonte de conhecimentos, conforme já dito, mas como orientador mais experiente e crítico,



# STAES19'

## Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde

capaz de ajudar o aluno a fazer escolhas mais coerentes e conscientes, não apenas em relação ao acesso a links, como também na inserção deles em seus próprios textos.

O professor precisa ajudar o aluno a “desenvolver estratégias para lidar com a prática cada vez mais comum de hiperlinkar seções de imagens ou vídeos”[...] [DUDENEY et. al., 2016, p. 27], sendo capaz, inclusive, de avaliar a necessidade e importância de leituras off line como forma de evitar cair no “canto da sereia” de conteúdos mais atrativos visualmente, mas não necessariamente mais adequados ou confiáveis.

### **5. Letramentos digitais e multimodalidade: o dinamismo sedutor e irresistível da multimídia**

De acordo com o que foi afirmado no tópico anterior, conteúdos desenvolvidos e apresentados em múltiplas linguagens simultâneas (agregando som, imagem, movimento e escrita), tudo exposto numa tela, costumam ser muito mais atrativos e interessantes do que aqueles que se pautam em apenas uma ou duas modalidades, o que é típico do suporte impresso. As novas tecnologias de leitura e escrita possibilitam configurações textuais multimidiáticas que por sua vez impõe diferentes práticas de leitura calcadas em nos letramentos digitais. A linguagem digital consegue reunir em si diferentes modalidades linguísticas, capazes de promover modificações e reconfiguração de conteúdos originários de outras mídias. Segundo Lemke [apud Rojo],

A próxima geração de ambientes de aprendizagem interativos incluirá imagens visuais, som, vídeo e animação, todos práticos quando houver velocidade e capacidade de armazenamento, que permitirão acomodar essas formas de significação topológicas densamente informativas. (...) Essas mídias mais topológicas não podem ser indexadas e inter-

referenciadas por seu conteúdo interno [...] mas precisam ser tratadas como “objetos” integrais. Mesmo assim, como objetos, elas podem se tornar nódulos para hiperlinks, e assim nasce a hipermultimídia. [ p. 21].

O autor compara a capacidade de criação ou autoria, bem como a respectiva crítica, às competências de produção de texto e leitura, estabelecendo assim

uma relação dialética que envolve, por um lado, reiteração dessas práticas moldadas no padrão convencional impresso e, por outro, uma certa continuidade que expande sobremaneira os limites severamente restritos da educação tradicional para o letramento. Por isso, o letramento multimídia diz respeito à “habilidade de interpretar e de criar efetivamente textos em múltiplas mídias, especialmente usando imagens, sons e vídeo.” [DUDENEY et. al., 2016, p. 27].

Devido a essa mescla linguagens, esse tipo de letramento é situado no contexto da internet, capaz de atuar com todas as mídias, simultaneamente ou não. Segundo David Crystal, no mundo multimídia é impossível focar exclusivamente no elemento falado ou escrito, tratando tudo o mais como estando à margem – como extras não linguísticos. Todos os elementos se combinam em um único ato comunicativo e seus papéis conjuntos têm de ser levados em conta. [CRYSTAL apud DUDENEY et. al., 2016, p. 29].

Mais do que simplesmente entender, o letramento multimídia pressupõe que o estudante se torne capaz de produzir mensagens multimídia, compondo textos que agreguem imagens, sons e vídeos à linguagem verbal escrita. Nesse sentido, o professor também pode incentivar e orientar seus alunos a buscar e explorar sites que disponibilizem recursos semióticos variados, como imagens, vídeos, músicas, etc, nos quais eles possam encontrar recursos multimídia para usar em seu próprio trabalho, bem como compartilhar com outros, desenvolvendo assim seu protagonismo produtivo e autonomia.

É interessante observar que, não obstante as leis de proteção à privacidade on line de crianças e adolescentes, que obrigam provedores como o Facebook a definir em 13 anos a idade mínima de acesso, é muito provável que boa parte dos alunos, mesmo de faixas etárias mais baixas, sejam usuários dessa rede social, bem como de outras, como twitter, instagram, entre outras. Tais práticas nivelam professores e alunos numa mesma condição de usuários, ainda que os percursos e interesses dentro desses espaços sejam bastante variados. Por isso, alguns educadores, especialmente os que atuam nos anos finais do fundamental dois e no ensino médio, se apropriam desses espaços virtuais convertendo-os em ambientes de aprendizagem alternativos e complementares, obtendo boa aceitação por parte dos estudantes e angariando resultados positivos para a aprendizagem. Porém, nesses casos, cabe salientar a



# STAES19'

## Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde

importância da adoção de critérios de uso que preservem as relações entre professores e alunos, e entre alunos e alunos nos limites do que cabe aos processos de ensino e aprendizagem, com foco na troca e partilha de conhecimentos.

### 6. Conclusão

Reconhecer a necessidade de se introduzir as novas tecnologias (TICs) na escola mediante a utilização e incorporação de recursos didáticos digitais às estratégias pedagógicas é algo cada vez mais consensual e até imperativo, em face das demandas oriundas de uma sociedade digitalmente conectada e que vem reconfigurando profunda e rapidamente suas relações sociais e de produção. A emergência e irreversibilidade dessas mudanças têm marcado a construção de currículos com a preocupação em preparar os estudantes para as exigências do contexto atual, o que inclui desenvolver as competências inerentes aos letramentos digitais, mesmo em ambientes ainda pobres em suporte tecnológico, o que ainda é o caso de boa parte das escolas públicas.

Não obstante a ainda identificada supremacia do suporte impresso, é crucial que se enfrente o desafio do direito à inclusão digital, deficitário principalmente para aqueles mais desfavorecidos economicamente, o que vale tanto para indivíduos quanto para comunidades inteiras, especialmente em periferias e no interior.

Se numa mesma sala de aula temos estudantes cuja estrutura material familiar lhes garante o acesso a diferentes recursos tecnológicos, o desafio dos professores, juntamente com as coordenações escolares, é buscar meios para ao menos reduzir essa defasagem no que diz respeito ao letramento digital dos estudantes sem acesso à tecnologia, ou com acesso mais restrito. Isso porque, segundo Neuman, 1991 [apud McLeod 2012],

Estudantes economicamente desfavorecidos, que usam frequentemente o computador para reforço e habilidades básicas, aprendem a fazer aquilo que os computadores dizem para fazer, ao passo que estudantes mais favorecidos, que usam o computador para aprender a programar e a usar aplicativos instrumentais, aprendem a dizer ao computador o que ele deve fazer.

Uma saída bastante promissora para uma dificuldade estrutural ainda bastante generalizada no contexto da escola pública brasileira é a parceria entre professores e estudantes com melhores condições de acesso às TICs e, conseqüentemente, mais letrados digitalmente, para auxiliar aqueles que têm menos acesso. Isso pode ser especialmente positivo na medida em que contribui para estabelecer relações descentralizadas na figura do professor, ao mesmo tempo em que promove o protagonismo e autonomia dos alunos.

Mesmo em face das tantas e irreversíveis mudanças trazidas pela imersão tecnológica da sociedade atual, a escola continua responsável pela formação de cidadãos críticos, conscientes e solidários. As exigências quanto ao tipo de competências e habilidades requeridas pelo mercado de trabalho e mesmo no contexto das relações sociais estão cada vez mais complexas, porém, mesmo na emergência de novos espaços de aprendizagem, com ampla variedade e multiplicidade de recursos, continua atual e relevante a necessidade de ensinar também os aprendizes do século XXI a se comunicarem de forma eficiente, reconhecendo o valor da aprendizagem contínua tanto dentro quanto fora da sala de aula.

### Referências

- BONILLA, Maria Helena Silveira; SOUZA, Joseilda Sampaio de Souza. Articulações entre cursos de formação de professores, escolas e projetos de inclusão digital: possibilidades para a vivência plena da cultura digital. *Linhas – Revista Programa de Pós Graduação em Educação*. Florianópolis, v. 13, n. 02, jul/dez. 2012. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11704/1/Bonilla%20M%20H%20Parte%201.pdf>. Acesso em 11/04/2019.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: EDUNESP, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Língua e leitura no mundo digital*. In: \_\_\_\_\_. Os desafios da escrita. São Paulo: Edunesp, 2002.
- DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. *Letramentos Digitais*. Trad. Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- HILGERT, José Gaston. *A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na internet*. In: PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas: FFLCH/USP, 2000.



# STAES19'

## Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

ROJO, Roxane (Org.). *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento digital*. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 12 fev. 2009.